O ARTISTA BUSCA SEMPRE NOVAS FORMAS DE EXPRESSÃO

— Samate Mulungo, artista plástico

Dom. 29/4/84

Foi um dos primeiros artistas, se não o primeiro, a introduzir um estilo moçambicano de arte em mobiliário. O público amante das artes plásticas conhece-o sobretudo pelas suas pinturas, mas também esculpe em madeira e ferro, além de trabalhar em cerâmica. O seu nome: Samate Mulungo.

«Eu nunca parei de pintar», responde Samate, 45 anos, à primeira questão levantada sobre a pouca informação dada ultimamente acerca da sua produção artística. E acrescenta, com justificado orgulho, que tem participado em todas as exposições colectivas promovidas desde a Independência. Recordamo-nos de que obras suas foram já vistas em Roma, Havana, Lagos, Amsterdão, Moscovo, Sófia e Lisboa, além de Maputo.

As suas únicas exposições individuais datam de antes de 1975. A primeira, em 1972, acerca da qual diz o seguinte:

«Foi uma oportunidade única de realizar contactos com muitos amantes de artes plásticas. Isso serviu para que eu pudesse melhorar, no domínio artístico, beneficiando das críticas, sugestões e estímulos recebidos. Foi daí, principalmente, que me apercebi ter acabado de assumir um compromisso para com o público e que deveria desenvolver o talento que as pessoas viam em mim».

Mas Samate é contra a realização precipitada deste tipo de exposições por artistas que ainda se iniciam:

«Concordo com os que opinam que um artista deve, primeiramente, buscar experiências, através das obras, críticas e sugestões de outros artistas e isso aprende-se, por exemplo, em exposições colectivas». Mas é claro quando afirma também que, actualmente, os artistas em geral se ressentem da pobreza dessa prática salutar de crítica artística, através dos órgãos de informação. E acrescenta:

«Mesmo quando somos solicitados a participar em exposições colectivas, ultimamente, acabamos por aprender muito pouco. O júri geralmente só se limita a seleccionar as obras de que necessita para a exposição, rejeitando outras. Mas ninguém diz aos autores destas últimas quais são os defeitos que têm, o que é necessário para melhorá-las. Assim, nunca mais aprendemos», conclui amargamente.

DE XIPAMANINE, COM MAKAMBACO

Nascido no bairro suburbano de Xipamanine, Samate concorda que o ambiente pitoresco daquele bairro suburbano, onde há muitos anos, andavam vendedeiras e vendedores de todo o tipo de mercadorias — desde quinquilharias e «jóias», a tecidos, artigos de mercearia e outros produtos de bazar — o movimento, o incessante vai-vém de magotes de gente, tudo isso teria influenciado não só a sua vocação artística como o tema dominante dos seus quadros, que é precisamente o de multidões. Há também o trabalho realizado naquele bairro por alguns artistas como Jacob Makambaco e Frederico Ayres (pai).:

«Quando eu tinha uns 13 ou 14 anos, costumava ficar horas a fio ao pé do velho Makambaco, vendo-o pintar ali no Xipamanine. Para ele, sem dúvida que eu era apenas mais um dos miúdos, cheios de curiosidade, que o rodeavam. Mas, por essa altura, eu já gostava de fazer desenhos a lápis e pintava a guache ou lápis de cor. Creio que essa visão de um artista a trabalhar a sério influenciou decisivamente o meu futuro como artista».

Entre os artistas moçambicanos mais conhecidos, Samate Mulungo diz que tem uma admiração especial pelo escultor Chissano:

«É uma pessoa muito aberta, que sabe dar aos outros o que sabe sobre arte. Quando alguém encontra o Chissano no seu «atelier», este recebe-o com muita naturalidade, sem parar de trabalhar. Há artistas que se preocupariam em esconder as suas técnicas aos outros...»

O nosso entrevistado diz que ele próprio trabalhou ao lado do conhecido escultor moçambicano e o ouviu várias vezes defender a posição de que ensinar aos outros, não reduz o valor de ninguém. **«Não é fácil encontrar pessoas assim, mesmo entre artistas consagrados»**, conclui Samate.

QUADROS EM MOSCOVO

Em Outubro de 1982, Samate Mulungo foi um dos artistas plásticos moçambicanos a beneficiar de uma bolsa de estudos na Academia Superior de Belas Artes, em Moscovo. O estágio durou apenas três meses, mas segundo o Samate, foi muito útil.

«Tivémos a oportunidade de frequentar aulas teóricas, tivémos contactos com pedagogos soviéticos de renome e trocámos experiências com artistas de vários países». Samate subscreve a opinião de que as visitas quer de artistas moçambicanos ao estrangeiro quer de artistas de outros países a Moçambique, contribuem para o desenvolvimento dos nossos artistas em particular:

«Fazemos trabalho empírico, porque, até há pouco nem uma escola inicial de artes plásticas possuíamos no País, ao passo que em alguns países nossos amigos os artistas estão muito desenvolvidos. A troca de experiência entre artistas, ajudar-nos-ia a crescer».

Em Moscovo, Shikani, Tinga e o próprio Samate (o grupo que beneficiou do referido estágio), aproveitaram para produzir algumas obras de arte posteriormente oferecidas à Embaixada da R.P.M. na União Soviética:

«Tudo começou — conta Samate — ***com a nossa primeira estada na Embaixada. Notámos que as paredes do edifício estavam nuas, no que respeita a peças de arte moçambicana. Dessa vez, nada dissémos. Mas fomos discutir entre nós qual poderia ser a nossa contribuição para enriquecer a nossa representação diplomática na URSS. Um dia fomos pedir audiência ao Senhor Embaixador a quem expusemos a nossa proposta.***

«Se nos desse material, poderíamos fazer alguma coisa para a nossa Embaixada» — dissémos. A nossa preocupação é vermos que não há nada de arte moçambicana numa casa como esta, onde vêm vários visitantes estrangeiros». O Sr. Embaixador concordou e deu-nos apoio para que comprássemos o material de que precisávamos. O próprio cozinheiro da Embaixada foi mostrar-nos a loja onde o poderíamos comprar... E assim começámos a trabalhar, durante as horas vagas. Dormíamos todos os dias às 3 ou 4 horas da manhã, mas acordávamos bem dispostos. No lar onde vivíamos, havia cerca de dois mil outros bolseiros de vários países. Uma grande parte deles permanecia no lugar onde trabalhávamos até ao fim, apreciando a nossa arte.

«Lembro-me que o que fazia mais confusão nas suas cabeças era o facto de afirmarmos que nenhum de nós tinha frequentado uma escola de arte. No fim, tínhamos produzido um total de 19 obras, quadros a óleo e aguarela, que oferecemos à Embaixada».

CRIAR UM ESTILO MOÇAMBICANO

Embora seja mais conhecido como pintor, Samate Mulungo sabe trabalhar outros materiais:

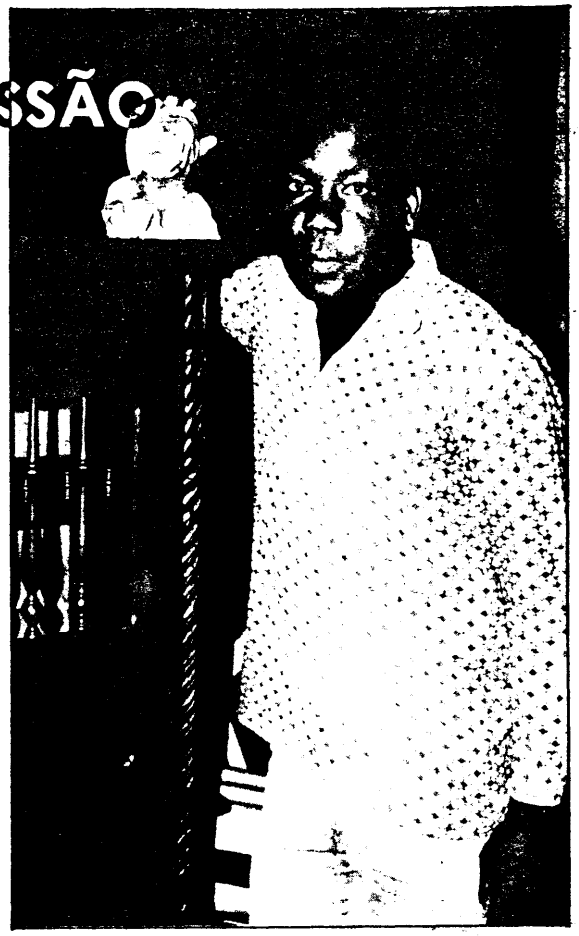
«Se não pinto a óleo, pinto a aguarela ou a tinta de china; já experimentei trabalhar em cerâmica e obtive bons resultados; esculpi em madeira e ferro e penso ter jeito para isso. O importante é que o artista não deve limitar-se a uma só especialidade. Se falta este material, utiliza o que tiver à mão; ele deve buscar constantemente formas de expressão da sua inspiração artística. Não se pode ficar estagnado perante as dificuldades».

Talvez devido a esta tendência de busca de novas formas de expressão, Samate foi um dos primeiros artistas, se não o primeiro, a introduzir um estilo de arte moçambicano de arte em mobiliário, numa fábrica de que é co-proprietário, na Matola:

«Estamos habituados a ver, na indústria de mobiliário, vários estilos como Luís XIV, Luís XV, D. João V, etc, que os marceneiros portugueses ensinaram a executar. E pensei: Por que não experimentar um estilo moçambicano? Fiz desenhos cujas figuras os marceneiros da fábrica esculpiram no mobiliário e cujo resultado foi positivo. Os ensaios começaram em 1980. O primeiro era um móvel-bar. Presentemente há outros artistas, como Malangatana, que dão desenhos para o mesmo efeito. Acho que a experiência tem aceitação».

Samate afirma que a sua presente ocupação como industrial ou comerciante de mobílias é meramente circunstancial:

«Eu sou essencialmente artista. Tenho a esperança de um dia voltar a trabalhar exclusivamente num «atelier». Aqui sinto-me fora do meu âmbito: apenas a criação na fábrica me dá algum alento».



Com uma peça de mobiliário e uma pequena escultura: «O artista busca sempre formas de expressão para a sua inspiração»

Samate Mulungo, junto de um dos seus quadros